

# Capítulo E1

## A "Ilha" Guianense

### Introdução aos capítulos E2, E3 e E4

<a href="#">Página inicial</a>	<a href="#">Lista das áreas</a>
--------------------------------	---------------------------------

Se levarmos em conta que o canal de Cassiquiare liga os altos cursos do Orenoco e do Negro, seremos forçados a admitir a existência de uma enorme ilha marítimo-fluvial no norte da América do Sul, limitada pelo oceano Atlântico, no trecho entre o delta do Orenoco e o estuário deltaico do Amazonas, pelo curso desses dois grandes rios e pelo citado canal do Cassiquiare, abrangendo o leste e o sul da Venezuela, a Guiana, o Suriname, a Guiana Francesa e, do Brasil, o Amapá, o norte do Pará, Roraima e uma parte do norte do Amazonas. A essa imensa ilha se pode dar o nome de Guiana ou, como farei aqui, para evitar confusão com unidades políticas nela situadas e com o mesmo nome, de região guianense. Na verdade, o sul da região guianense é o próprio norte da região amazônica. Hoje em dia é mais comum considerar como guianense aquela parte da região cujos rios correm diretamente para o Atlântico sem desembocarem no Amazonas. Mas aqui, por motivos etnográficos, preferirei considerar toda a grande ilha marítimo-fluvial como guianense, seguindo aliás o uso de mapas de séculos passados, que chamavam de Guiana também ao norte da região amazônica.

Foi o antropólogo britânico Peter Rivière (1984: 2) quem chamou a atenção para o aspecto insular dessa região, ao tomá-la como unidade cultural a ser estudada. Na verdade, a atenção desse pesquisador incide sobretudo naquelas sociedades indígenas que vivem de um e de outro lado da fronteira setentrional do Brasil, nas elevações que constituem o maciço Guianense. Ele exclui declaradamente de seu estudo os ianomâmis, da fronteira brasileiro-venezuelana, e os uaraos, do delta do Orenoco, alegando que, apesar das semelhanças, diferem em aspectos específicos, das outras sociedades da região. Na verdade, Peter Rivière, que fez trabalho de campo junto aos tiriós, falantes de uma língua caribe, moradores de ambos os lados da fronteira Brasil-Suriname, incluiu em seu estudo comparativo apenas aquelas sociedades caribes ou a elas semelhantes e as menos modificadas pelo contato no momento em que estudadas pelos seus pesquisadores-fonte, deixando tacitamente de lado os índios do litoral atlântico, os mais intimamente relacionados com os civilizados e influenciados por eles, e as sociedades tupis da fronteira Brasil-Guiana Francesa.

Como atualmente a região guianense é a que abriga a maioria das sociedades caribes e como nessa região a família caribe supera em número de sociedades as outras unidades lingüísticas, quem se interessa por caribes tem de abordar a região guianense e quem toma essa região como foco de estudo é necessariamente levado a considerar os caribes. Em datas próximas ao livro de Rivière (1984: 1), que o escreveu estimulado pela boa qualidade das pesquisas de campo recentes levadas a efeito na região, foram também publicadas duas coletâneas sobre diferentes sociedades caribes que, por força da localização da maioria, incidem na mesma região (Basso, org., 1977; Butt Colson e Heinen, orgs., 1983/1984).

## O passado da região

Hoje se admite, embora, como qualquer teoria, sem a unanimidade total dos pesquisadores, que os caribes teriam se constituído na própria região guianense e daí se expandido para o sul, na direção do alto Xingu, onde atualmente existem sociedades falantes de línguas dessa família; e na direção oeste, para os Llanos, ultrapassando-os, havendo ainda hoje uma sociedade caribe, os iucpas ou iocos, na serra de Perijá (área etnográfica Extremo Norte); também se expandiram sobre as Antilhas, a região das Américas a sofrer o primeiro impacto da colonização européia e que já nos inícios do século XVII tinha quase toda a sua população indígena extinta, sobrando hoje apenas os caribes da ilha Dominica. O arqueólogo Donald Lathrap (1970, cap. 10) foi o primeiro a tomar como maneira de reconhecer os caribes pré-históricos a tradição cerâmica que usava como desengordurante espículas da esponja de água doce chamada cauixi, ornamentada com incisões finas e profundas, formando desenhos retilíneos em foram de V, e aplicações zoomórficas ou abstratas feitas com rolinhos e bolinhas de argila. Essa tradição cerâmica se expande desde o quadrante nordeste da bacia Amazônica (portanto, região guianense) a partir aproximadamente do ano 500 de nossa era, perdurando até a chegada dos europeus. Alberta Zucchi (1985) e Kay Tarble (1985) têm interessantes artigos em que discutem a expansão caribe, sobretudo na área correspondente ao atual território venezuelano.

Mas a presença caribe na região guianense não é exclusiva. Ainda hoje, sobretudo no litoral guianense, há uma marcada presença aruaque. Ela foi muito maior no passado, mas muitos dos aruaques da região foram extintos, como, por exemplo, no período colonial, os do médio e baixo rio Negro. Inspirando-se na explicação elaborada por José P. Brochado (1984) para a expansão pré-histórica dos tupis em torno do planalto Brasileiro, Irving Rouse (1985: 9-13) supõe um dos ramos da expansão aruaque movendo-se em forma de pinça de modo a cercar o maciço Guianense, admitindo terem as línguas aruaques uma origem comum com as línguas tupis numa antiga língua denominada proto-equatorial, falada por volta de 5000 a.C. Na verdade, esse movimento dos aruaques já fora anteriormente delineado por Lathrap (1970: cap. 4, fig. 5d).

Além de caribes e aruaques, ainda se contam na região guianense os ianomâmis, cuja expansão, a partir da serra Parima, data de poucos séculos atrás; algumas sociedades tupis, na fronteira Brasil-Guiana Francesa; duas sálivas (os piaroas e os macós) e outras cujas línguas são as únicas de suas famílias, na sua parte ocidental.

## Características gerais da organização social dos grupos indígenas da região

Mas voltemos ao livro de Peter Rivière (1984). Com exceção dos piaroas, e os uapitxanas, os índios sobre cujas etnografias o autor mais recorre para fundamentar seus estudo são caribes: aparaís, uaianas, tiriós, uaiuais, macuxis, pemons, acauiais, iecuanas, panares e caribes do rio Barama e do rio Maroni (Rivière 1984: 2 e 10). Com exceção das últimas sociedades referidas, nenhuma das outras se localiza no litoral. Convém ter esse embasamento empírico em mente ao se considerar as generalizações do autor.

De um modo geral essas sociedades se caracterizam pela ausência de grupos formais como linhagens, clãs, metades, classes de idade com afiliação definida por descendência

unilinear, transmissão de nomes pessoais, idade ou sexo, sendo que sua organização social e política aparenta informalidade, fluidez, atomismo ou individualismo; mas se as caracterizarmos pelos aspectos presentes e não pelos ausentes, podemos dizer que elas dispõem de descendência cognática, terminologia de parentesco prescritiva em duas linhas, preferência por endogamia de grupo local e/ou residência uxorilocal, ordenação das relações sociais com base na co-residência e distribuição em grupos locais pequenos não-permanentes (: 4).

A comparação controlada que Rivière faz sobre as categorias sociais mantidas pelas sociedades referidas (: 6-7) incide sobre os fenômenos invariantes, ou seja, aqueles concernentes à estrutura e organização social (: 7). Os variantes, ou seja, a língua, os adornos corporais, o equipamento técnico, os métodos de processar alimentos, os ritos funerários, o consumo de alucinógenos e outros de que os índios se valem para marcar suas diferenças étnicas, não são de um modo geral objeto do livro (: 8). É digno de interesse o reparo feito por Rivière de que são justamente esses elementos culturais que servem para marcar as fronteiras étnicas aqueles mais sujeitos a abandono, mudança ou substituição, o que corresponderia certamente a um constante suceder de grupos étnicos que desaparecem e surgem por cisão e fusão (: 8). Depois de uma descrição geral das características etnográficas da região (: 9-14), Rivière dá início a seu exame comparativo.

Após examinar os dados disponíveis referentes ao tamanho, duração e distribuição dos grupos locais guianenses (: 16-24), Rivière conclui que as aldeias têm uma média de 30 habitantes, sendo usual a amplitude de 15 a 50. A distância entre as aldeias costuma ser de meio dia de caminhada; quando elas se reúnem em grupos locais (regionais?), a distância entre tais grupos pode ser de vários dias de viagem. As aldeias duram cerca de seis a sete anos e se mudam para locais próximos. Os estabelecimentos das savanas partilham de muitas dessas características, porém com menor número de habitantes (anteriormente notou que aí não existem aldeias, mas casas dispersas, ainda que associadas). Os acauaios vivem em suas roças, que têm aldeias por centros; esse padrão, que é tradicional nos acauaios, se nota também nos macuxis, por causa das escolas, e para ele tendem os tiriós, devido à missão (: 23-25).

Na discussão do tamanho das aldeias, Rivière, embora reconhecendo a importância dos motivos tecnológicos e ecológicos, não os considera capazes de explicar totalmente o problema. Assim, nota que, apesar de a região não ser ecologicamente homogênea, as aldeias têm tamanhos similares. Por outro lado, no passado elas tiveram mais habitantes que nas últimas décadas, levantando a questão de se saber se foi naquela época ou se é agora que estavam ou estão adaptadas ao meio ambiente. Há ainda a considerar o caso dos pemons, que, apesar de seu acentuado crescimento populacional em tempos recentes, mantêm seus grupos domésticos e estabelecimentos no mesmo tamanho. Outros fatores, portanto, também devem ser levados em conta na explicação do padrão de povoamento, como a atuação de agentes externos, de que são exemplos incursões hostis e a ação missionária, ou a efetividade do líder em manter e aumentar o número de habitantes de sua aldeia ou grupo local, ou ainda, a possibilidade, em caso de conflito interno, de desafetos se afastarem da aldeia e se abrigarem em outra não muito longe, que faça parte da mesma rede social (: 25-28).

No que tange à composição das aldeias, após exame dos dados disponíveis (: 31-39), Rivière conclui que elas tendem a serem habitadas por parentes próximos relacionados

bilateralmente, mesmo que fictícios, e a realizarem os casamentos segundo uma endogamia de caráter prescritivo (: 49). Os padrões de residência resultam de escolhas presididas por considerações de natureza social, afetiva, política, ritual e econômica, caracterizando-se pela tendência de irmãos do mesmo ou de ambos os sexos partilharem residência, por casais viverem com os pais sobreviventes de qualquer dos cônjuges e pela uroxilocalidade, esta última, por sua vez, podendo resultar da obrigação do genro cuidar dos sogros, do laço íntimo entre mãe e filha ou entre irmãs, do serviço da noiva e da autoridade jurídica do pai sobre a filha (: 40-41).

Na região guianense as relações de parentesco se classificam em categorias que se distribuem segundo uma terminologia de troca direta prescritiva (Rivière 1984: 44). Embora as terminologias guianenses sigam esse padrão geral, Rivière (1984: 44-47) discute as variações a que está sujeito em cada sociedade, detalhes em que não vou me demorar aqui. No que tange aos termos de afinidade, são grandes as variações, de sociedade para sociedade, indo desde sua ausência até a existência de um termo distinto para cada posição de afinidade (: 47-48).

A terminologia prescritiva compartilha de algo em comum com a endogamia prescritiva, relacionadas que são à idealização da comunidade como um corpo auto-contido de parentes. No que tange ao casamento, essa idealização se realiza pela reinterpretação do que acontece em termos do que deveria de acontecer (: 49). Rivière examina ainda como a endogamia local e regional se manifesta nos números censitários disponíveis nas etnografias (: 50-52).

No capítulo 5 Rivière examina os correlatos comportamentais dos critérios que orientam a distribuição dos termos de parentesco: nível genealógico, idade relativa, sexo e afinidade. Demora-se mais no último. Como as diferenças entre as sociedades comparadas não chegam a tomar um caráter de sistema, a discussão do autor dificilmente pode ser resumida. Se algo generalizável se obtém é que a acentuação da consangüinidade e co-residência, ligada à ficção de uma parentela endogâmica, não chega a impedir a penetração da afinidade (: 67-71).

## **O triângulo parentesco-política-economia**

O destino da aldeia está intimamente ligado ao de seu líder; ela depende da habilidade dele em manejar a rede de relações sociais que a constituem, mostrando iniciativa, capacidade de administrar as atividades rotineiras, de persuadir e mediar pelo domínio da palavra, generosidade na distribuição e redistribuição de alimentos e bebida aos moradores e visitantes, e conhecimento dos ritos ou xamanismo e das tradições, sem tomar uma atitude autoritária. O autoritarismo só é admitido, quando dos adultos para com as crianças ou dos homens para com as mulheres (: 72-73). Na conquista e manutenção de sua posição são importantes para o chefe as relações de casamento, mas nelas também estão sua fraqueza. Nos exemplos apresentados fica claro que é precária a posição do líder que se apóia na relação com os cunhados, pois elas se desfazem com a morte ou separação da mulher ou mulheres que o unem a eles, sendo mais estável aquele líder que se apoia nas suas relações com os genros, que lhe devem prestações matrimoniais ou dele dependem em matéria de ritual. Comumente o apoio ao líder advém de um núcleo de parentes cognáticos e afins, mas estes já relacionados por algum laço de parentesco anterior ao casamento. Conflitos e acusações de feitiçaria envolvem sobretudo aqueles que entraram na aldeia pelo casamento, sem nenhuma relação prévia anterior com os moradores (: 73-80).

Apesar do ideal de se manter como uma parentela endogâmica, a aldeia não pode evitar relações com outras, que se fazem com casamentos, disputas, comércio e ritual. Os casamentos entre aldeias são inevitáveis, uma vez que é quase impossível que todos os seus moradores encontrem parceiros matrimoniais na idade e relação social adequadas, pois a população de cada uma raramente ultrapassa meia centena; por outro lado, ter um parente casado em outra aldeia dá oportunidade a visitas. As idéias sobre as causas das doenças e da morte levam a acusações de feitiçaria e conflitos que dão motivo a cisões e migrações para outras aldeias. O comércio se faz pela aquisição de itens de outras aldeias ou sociedades que muitas vezes a própria aldeia adquirente tem possibilidade de fazer, numa especialização artificial que favorece a comunicação entre diferentes comunidades. Os ritos também estimulam o contato entre aldeias, sendo que no caso dos piaroas o conhecimento ritual do líder bem como a capacidade e recursos para pô-lo em prática leva líderes de outras aldeias a ele se subordinarem, constituindo assim uma unidade política maior que a aldeia (: 80-86).

Depois de considerar que riqueza é algo definido culturalmente, que ela constitui um recurso escasso e um valor, e que a economia política concerne na manipulação e controle de recursos escassos e na habilidade de fazê-los gerar valor, Rivière se nega a dar a primazia que outros autores atribuem ao suprimento de proteínas, admitindo que na região a escassez não é de recursos naturais, mas sim de trabalho, ou seja, de recursos humanos, o que não significa escassez de gente de um modo geral, mas de pessoas conhecidas, confiáveis, familiares, e não perigosos estranhos. Isso o leva a considerações sobre o controle das mulheres e até a interessante suposição de como a elaboração cultural dos procedimentos de preparo da mandioca muito para além do mínimo necessário à extração do ácido prússico, venenoso, seria uma maneira de os homens manterem as mulheres continuamente ocupadas e aproveitar o produto do trabalho delas para propósitos rituais e políticos, esferas de atividade das quais elas estão excluídas. Pelo controle das mulheres também se controlam os homens que com elas se casam, um exercício de que se valem os líderes para criar e manter suas aldeias (: 87-94).

Em seguida o autor tenta averiguar por que muitas vezes os etnógrafos têm considerado as sociedades guianenses como individualistas. Começa por considerar que a noção de que os membros de cada família nuclear partilham de uma mesma substância impõe restrições ao indivíduo pela *couvade* e dieta especial quando um membro da mesma família está seriamente doente. Além disso, apesar da divisão sexual do trabalho permitir que a família nuclear possa ser economicamente auto-suficiente, ela geralmente se agrega a outras, formando aldeias, o que lhe traz certas vantagens, como segurança contra inimigos externos, possibilidade de caçadas coletivas, acesso a um pedaço de carne, mesmo quando o caçador da família é mal sucedido; mas a vida nesses agregados maiores obriga, por outro lado, o indivíduo a abrir mão de uma parte de sua liberdade pessoal. Onde estaria, pois, o alegado individualismo? Não dispondo de grupos unilineares, classes de idade ou grupos rituais e sendo a relação sogro-genro, tão importante na formação das aldeias, sem transitividade, essas sociedades não são mais que agregados de relações individualmente negociadas, o que as faz parecer tão individualistas (: 94-98).

Nas conclusões Rivière tenta utilizar as lições das sociedades guianenses para lançar um pouco mais de luz sobre os problemas etnográficos de outras regiões, mas neste resumo apenas reterei a sua sugestão de que esta região apresenta a forma mais simples da cultura das sociedades das terras baixas da América do Sul. As outras regiões ostentam formas mais

elaboradas do padrão guianense. Isso deve ser entendido em termos de possibilidades lógicas e não como identificação de um estágio evolutivo original (: 102).

## BIBLIOGRAFIA

- ADAMS, Kathleen J. "The Premise of Equality in Carib Societies". Em *Themes in political organization: the Caribs and their neighbours* (Audrey Butt Colson e H. Dieter Heinen, orgs.). *Antropológica* 59/62: 299-307.
- ARNAUD, Expedito e Ana Rita ALVES. 1975. "A terminologia de parentesco entre os Índios Galibí e outros grupos Karib". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia 60.
- BASSO, Ellen B. (org.). 1977. *Carib-speaking Indians: culture, society and language*. Tucson: The University of Arizona Press (Anthropological Papers of the University of Arizona, 28).
- BUTT COLSON, Audrey. 1983/1984. "A Comparative Survey of Contributions". Em *Themes in political organization: the Caribs and their neighbours* (Audrey Butt Colson e H. Dieter Heinen, orgs.). *Antropológica* 59/62: 9-38.
- BUTT COLSON, Audrey e H. Dieter HEINEN, orgs. 1983/1984. *Themes in political organization: the Caribs and their neighbours*. *Antropológica* 59/62
- BUTT COLSON, Audrey. 1983/1984. "Conclusion". Em *Themes in political organization: the Caribs and their neighbours* (Audrey Butt Colson e H. Dieter Heinen, orgs.). *Antropológica* 59/62: 359-383.
- CIVRIEUX, Marc de. 1973. "Clasificación Zoológica y Botánica entre los Makiritare y los Kariña". *Antropológica* 36: 3-82.
- COLCHESTER, Marcus. 1981. "Myths and Legends of the Sanema". *Antropológica* 56: 25-127.
- DREYFUS, Simone. 1983/1984. "Historical and Political Anthropological Inter-Connections: the Multilingual Indigenous Polity of the 'Carib' Island and Mainland Coast from the 16th to the 18th Century". Em *Themes in political organization: the Caribs and their neighbours* (Audrey Butt Colson e H. Dieter Heinen, orgs.). *Antropológica* 59/62: 39-55.
- HEINEN, H. Dieter. 1983/1984. "Introduction". Em *Themes in political organization: the Caribs and their neighbours* (Audrey Butt Colson e H. Dieter Heinen, orgs.). *Antropológica* 59/62: 1-7.
- HENLEY, Paul. 1983/1984. "Intergenerational Marriage amongst the Carib-Speaking Peoples of the Guianas: a Preliminary Survey". Em *Themes in political organization: the Caribs and their neighbours* (Audrey Butt Colson e H. Dieter Heinen, orgs.). *Antropológica* 59/62: 155-181.
- RIVIÈRE, Peter. 1983/1984. "Aspects of Carib Political Economy". Em *Themes in political organization: the Caribs and their neighbours* (Audrey Butt Colson e H. Dieter Heinen, orgs.). *Antropológica* 59/62: 349-358.
- RIVIÈRE, Peter. 1984. *Individual and Society in Guiana: a Comparative Study of Amerindian Social Organization*. Cambridge: Cambridge University Press. [Em português: *Indivíduo e a Sociedade na Guiana: Um estudo Comparativo da Organização Social Ameríndia*. São Paulo, Edusp, 2001].
- RIVIÈRE, Peter. 1989. "Men and women in lowland South America". *Man* 24 (3): 520- . (Correspondence).
- ROUSE, Irving. 1985. "Arawakan Phylogeny, Caribbean Chronology, and their Implications for the Study of Population Movement". *Antropológica* 63/64: 9-21.
- SCHWERIN, Karl H. 1983/1984. "The Kin Integration System among Caribs". Em *Themes in political organization: the Caribs and their neighbours* (Audrey Butt Colson e H. Dieter Heinen, orgs.). *Antropológica* 59/62: 125-153.
- TARBLE, Kay. 1985. "Un nuevo modelo de expansión caribe para la época prehispánica". *Antropológica* 63/64: 45-81.

URBINA, Luis e H. Dieter HEINEN. 1962. "Ecología, Organización Social y Distribución Espacial: Estudio de Caso de las Poblaciones Indígenas Pemón y Warao". *Antropológica* 57: 25-54.

ZUCCHI, Alberta. 1985. "Evidencias arqueológicas sobre los grupos de posible lengua Caribe". *Antropológica* 63/64: 23-44.

[Página inicial](#)

[Lista das áreas](#)